

NOTAS SOBRE OS ESFORÇOS DE GUERRA NA BAHIA

Geferson Santana¹

Resumo

O presente artigo se propõe a construir um balanço da historiografia baiana sobre a Segunda Guerra Mundial, compreendida entre 1939 a 1945. Elencamos alguns elementos primordiais que precisam ser analisados nas produções acadêmicas dos pesquisadores baianos que contribuíram consideravelmente para o desenvolvimento de uma historiografia sobre a guerra, bem como sua compreensão a nível regional, analisando suas consequências, vantagens e repercussão na capital e interiores baianos. De forma secundária, apontaremos novos caminhos que precisam ser trilhados para além do que fora escrito, muitos pontos sobre a guerra ainda precisam ser aprofundados e revisitados. Precisamos encarar-la por diversos âmbitos, inclusive o político, e a presente pesquisa se destina a considerar a política que esteve envolta da guerra que marcou profundamente o século XX de incertezas, sabores e dissabores.

Palavras-chave: História da Bahia. Historiografia. Segunda Guerra Mundial.

Nos últimos dez anos a historiografia baiana sobre a Segunda Guerra Mundial tem crescido, mas em passos lentos. A Universidade Federal da Bahia (UFBA) e demais universidades de peso do país tem demonstrado interesse no tema e no cenário baiano temos concentração de estudos apenas pela Pós-Graduação em História da UFBA e apenas uma dissertação pela Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS). A história da guerra vem sendo estudada de forma aprofundada pelos pesquisadores, embora ainda seja preciso buscar novos objetos e perspectivas, tendo em vista que no momento há poucas teses e dissertações escritas sobre a temática e sua repercussão na Bahia.

No século XX o imaginário mundial foi marcado por siglas, estigmas, frustrações, sabores, dissabores e traumas históricos até hoje não superados². A guerra

¹ Graduado em História pela Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB) e mestrando em História e Historiografia pela Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP). As reflexões presentes neste artigo são resultantes da pesquisa desenvolvida sob o financiamento da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia (FAPESB/ 2012) orientada pela Profa. Dra. Lucileide Costa Cardoso e da pesquisa em curso no Programa de Pós-Graduação em História e Historiografia da UNIFESP/Guarulhos sob a orientação da Profa. Dra. Maria Rita de Almeida Toledo. Da mesma forma, as bibliografias escolhidas para a presente revisão foram selecionadas com objetivos específicos. Isso permitiu a exclusão de alguns textos considerados dispensáveis no momento, mas eles serão retomados numa nova revisão que se encontra em andamento. Correio eletrônico: gefsdj@hotmail.com.

² SANTANA, Geferson. Barulhos de Guerra: produção historiográfica baiana sobre a Segunda Guerra Mundial na Bahia (1939-45) In: VI Encontro Estadual de História, 2013, Ilhéus. Anais Eletrônicos: VI Encontro Estadual de História, 2013. v.1. p.1.

representou para a humanidade o momento em que as luzes se apagaram, levando as esperanças de dias melhores³. Eric Hobsbawm e Marc Ferro consideram o referido conflito bélico como maior de todos os fenômenos do século superando, inclusive, a Primeira Guerra Mundial no que corresponde ao envolvimento dos países que compõem o globo terrestre⁴.

A Bahia passou a ser reportada na historiografia sobre a guerra a partir da iniciativa de Consuelo Novais Sampaio em *A Bahia na Segunda Guerra Mundial* publicado em 1996, e que se debruça sobre os efeitos do combate, começando pela sua repercussão e consequências na sociedade. O econômico, as arregimentações para a guerra, as movimentações populares e os intelectuais são os aspectos principais abordados por Sampaio. Outros pesquisadores em História inspirados no texto da autora trouxeram novas perspectivas e objetos sobre o conflito mundial.

Como uma das leituras obrigatórias, o livro *História da Bahia* de Luis Henrique Dias Tavares, em especial o capítulo *A República do Estado Novo na Bahia* que foca no Estado Novo do presidente Getúlio Dornelles Vargas, tem o intuito de discutir a entrada do Brasil na guerra e conseqüentemente a luta pela anistia, apontando os principais elementos que levou o país a resistir aos países do Eixo (Alemanha, Itália, Japão), inclusive a Alemanha com a qual mantinha relações comerciais e diplomáticas.

Listamos neste balanço a tese de doutorado de Carlos Zacarias de Figueirôa Sena Junior *Os impasses da estratégia: os comunistas e os dilemas da União Nacional na revolução (im)possível – 1936-1948*, que preocupa-se com a participação dos comunistas brasileiros no contexto de guerra e do governo estadonovista, assim como aborda o papel central do Comitê Regional (CR) baiano do Partido Comunista do Brasil (PCB) no processo de organização do movimento comunista nacional, enfatizando os incentivos do mesmo para a arregimentação das massas no movimento anti-nazifascista.

Marina Helena Chaves Silva na tese de doutorado *Vivendo com o outro: os alemães na Bahia no período da II Guerra Mundial*, notadamente no capítulo A

³HOBSBAWM, Eric. Era dos Extremos: o breve século XX (1914-199). São Paulo: Companhia das Letras, 1995, p.30.

⁴ Ver FERRO, Marc. O século XX explicado aos meus filhos. Rio de Janeiro: Agir, 2008, p.24. Para Hobsbawm a Segunda Guerra Mundial foi global, “praticamente todos os Estados independentes do mundo se envolveram, quisessem ou não, embora as repúblicas da América Latina só participassem de forma mais nominal... quase todo globo foi beligerante ou ocupado, ou as duas coisa juntas”. HOBSBAWM, op. cit., p. 31-32.

Bahia na guerra: crise política, manifestações populares e outras mobilizações analisa o impacto do conflito no contexto baiano, e as principais medidas tomadas pelo governo contra os alemães. Mas, de acordo com Silva a intenção maior “é ressaltar aspectos referentes à produção da etnicidade”⁵.

Com grandes contribuições para o contexto de 1939/41, a dissertação de mestrado de José Carlos Peixoto Junior *A ascensão do nazismo pela ótica do Diário de Notícias da Bahia – 1935-1941: um estudo de caso* possui um capítulo nomeado de “*O panfleto de guerra*”, que traz uma abordagem do momento em que a redação do jornal *Diário de Notícias* (DN) deixa de fazer propaganda sobre Hitler e seus aliados explicitamente. Isso acontece quando Antônio Balbino de Carvalho, redator-chefe, toma posse do jornal em 1939 e o deixa apenas em 1942.

O período de atuação do chefe da redação do DN e seus colaboradores caracteriza o jornal como *panfleto de guerra*, diz Peixoto Junior, onde os discursos de Hitler e demais autoridades alemãs foram publicados diversas vezes. As estórias em quadrinho publicadas no jornal tinha o propósito de vender a imagem do ditador alemão e seus feitos militares. Isso naturalmente explica o título do capítulo escolhido, e a forma como o jornal estrategicamente contribuiu com o movimento pró-nazifascista na Bahia sem que as autoridades percebessem.

A análise desses trabalhos permitiu uma divisão dos elementos principais da guerra e sua repercussão no Estado baiano, abordando-os em três momentos: o primeiro compreende uma análise dos anos de 1939 a 1941, quando ainda na Bahia e no Brasil vigoravam propagandas anticomunistas; o segundo engloba as movimentações anti-nazifascistas, as movimentações para a guerra, as polêmicas levantadas por militantes comunistas; o terceiro os movimentos de arregimentação para a guerra no exterior, e o processo de reivindicação da anistia frente a repressão desencadeada pela ditadura varguista. Então, todos esses fatores serão pensados a partir da historiografia baiana existente⁶.

Historiografia da participação baiana na II Guerra Mundial

⁵ SILVA, Marina Helena Chaves. Vivendo com o outro: os alemães na Bahia no período da II guerra mundial. Tese (Doutorado em História) - Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal da Bahia. Salvador, 2007, p.160.

⁶ SANTANA, *op. cit.*

Elucida Sampaio que nos períodos iniciais compreendidos entre 1939 a 1941 as informações chegavam a partir das mobilizações dos “*estrategistas de esquina*” que eram aqueles que desejavam que o país continuasse neutro. Eram os principais articuladores e propagadores das informações sobre os fatos europeus⁷. Não tem sentido a explicação de que os estrategistas queriam que o Brasil continuasse neutro, sem objetivarem interesses particulares ou mesmo articulados com a interventoria do Estado, que era cargo de confiança do governo Vargas. O interessante é notar que país tinha relações comerciais e diplomáticas com a Alemanha⁸ e que talvez não era sem motivos que os sujeitos em questão desejavam a neutralidade do governo. Segundo Tavares, logo a situação começaria a mudar, tendo em vista as mudanças que o conflito traria para cenário nacional⁹.

São poucas as pesquisas sobre os anos de 1939 a 1941, em especial a participação dos baianos na guerra¹⁰. O trabalho desenvolvido por Peixoto Júnior e Sena Junior constituem exceções. O primeiro aborda a trajetória do jornal DN e sua propaganda pró-Alemanha entre 1935 a 1941, já o segundo centra-se num primeiro momento nas prisões dos comunistas nos anos compreendidos entre 39 e 40, principalmente no Rio de Janeiro e São Paulo. O que provoca verdadeiras perdas para o movimento comunista brasileiro com as prisões de militantes que traziam experiências da fracassada *Intentona Comunista* de 1935 usada por Vargas para a implantação do governo estadonovista em 1937, conforme esclarece a Constituição do mesmo ano.

⁷ Segundo Consuelo Novais Sampaio, *os estrategistas de esquina* “não eram a favor dos aliados, e tampouco dos países do eixo. Apenas desejavam mostrar que estavam a par dos acontecimentos que abalavam a humanidade”. SAMPAIO, C. N. A Bahia na Segunda Guerra Mundial. *Revista da Academia de Letras da Bahia*, Salvador: Academia de Letras da Bahia, nº 42, mar., p.136, 1996.

⁸ TAVARES, Luis Henrique Dias. A República do Estado Novo na Bahia. In: História da Bahia. Salvador: EDUFBA, 2008, p. 430 e ss. Durante o governo Vargas, não soa estranho o fato da aproximação do Brasil com a Alemanha, tendo como parâmetro a influencia do fascismo nas bases governamentais do Brasil e Argentina. Foram sistemas de governais ditatoriais, pensados no modelo de Estado fascista, onde o chefe de Estado se tornou a “Santíssima trindade”, dominando todos os campos das instâncias burocráticas (Executivo, Legislativo e Judiciário). CAPELATO, Maria Helena. O Estado Novo: O que trouxe de novo?. In: FERREIRA, Jorge e DELGADO, Lucilia de Almeida Neves (Org.). O Brasil Republicano. O tempo do nacional-estatismo: do início da década de 1930 ao apogeu do Estado Novo. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003, p.109. As relações de influência do Brasil com os países nazifascistas não se deram apenas no tocante à diplomacia e ao comércio, mas, igualmente, no campo ideológico, como a aplicação de práticas totalitárias adaptadas à realidade brasileira. Ver sobre esta discussão CAPELATO, Maria Helena Capelato. Propaganda política e controle dos meios de comunicação. In: REPENSANDO o Estado Novo. Organizadora: Dulce Pandolfi. Rio de Janeiro: Ed. Fundação Getúlio Vargas, 1999, p. 167-78.

⁹ TAVARES, op. cit., p.430-31.

¹⁰ SANTANA, op. cit., p.3.

Na concepção de Peixoto Junior, no ano de 1939 o vespertino DN estava sob o domínio econômico, político e intelectual de Antônio Balbino de Carvalho¹¹, e ainda neste mesmo período o jornal fazia intensa propaganda sobre a expansão da Alemanha e da imagem de Hitler.

Ao que tudo indica, o Diário de Notícias atuou, entre 1935 e 1941, como o elo entre a Alemanha que se reedificava sob o signo da suástica e a colônia dos seus cidadãos na Bahia. Estivera a serviço da causa nazista numa cidade de majoritária população negromestiça. Tal aspecto, ao que nos parece, não se apresentou como obstáculo a cristalização desses ideais por parte dos homens que comandaram o periódico baiano no período em voga. Tanto Altamirando Requião quanto Antonio Balbino de Carvalho não esconderam em diversos momentos suas admirações pela "obra" que se construía na Alemanha.¹²

O DN tinha função meramente panfletária de 39 a 41, embora carregado de mensagem ideológica nazifascista. Ele não apenas divulgava os discursos do ditador nazista publicando-os na íntegra, como vendia ao leitor a proposta alemã a partir das imagens presentes nas histórias em quadrinho publicadas no vespertino. Por outro lado, não podemos esquecer que o DN ganhou caráter panfletário não por acaso em 39, mas pelo fato das relações diplomáticas e econômicas com a nação alemã estarem se deteriorando¹³. O DN não demonstrará explicitamente seu apoio político ao III Reich, entretanto, subtende-se que ao traçar as façanhas militares do líder ditador e suas propostas para o mundo, sua mensagem de apoio esteja implícita.

Conforme indicado por Peixoto Junior, os temas regionais e nacionais praticamente não aparecem, porque o vespertino estava com sua atenção voltada para os temas internacionais da guerra. Ao trilharmos a trajetória do DN identificamos elementos de propagação anticomunista (com influências nacionais e locais) tendo em vista que o expansionismo bolchevique era uma verdadeira ameaça para a direita.

No que tange a posição dos Estados Unidos, até o ataque japonês a base de Pearl Harbor, no Hawai, ocorrida em dezembro de 1941, o governo

¹¹ PEIXOTO JUNIOR, José Peixoto. A ascensão do nazismo pela ótica do Diário de Notícias da Bahia – 1935-1941: um estudo de caso. Dissertação (Mestrado em História) - Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal da Bahia. Salvador, 2003, p.10.

¹² PEIXOTO JUNIOR, op. cit., p.11.

¹³ "Ao longo do ano de 1939 a propaganda política do NSDAP no Diário de Notícias praticamente desaparece. Não sem razão. Conforme discutido na primeira parte deste capítulo, nesse ano as relações diplomáticas entre Brasil e Alemanha atravessarão um processo de deterioração. A Delegacia de Ordem Política e Social (Dops) identifica a participação de elementos nazistas no putsch integralista de maio de 1938 (Silva, op., cit., p. 268) e o governo se põe em alerta quanto a movimentação do NSDAP no país". Ibidem, p.99.

norte-americano mostrava-se ambíguo em relação ao Japão. Quanto a Alemanha Nazista, a despeito da disputa por áreas de influência no comércio exterior, o movimento imperialista de Hitler era visto como um "antídoto" amargo mas necessário, que cumpriria seu papel de barrar o expansionismo bolchevique no continente europeu. Essa corrente de isolacionista foi predominante na classe dominante norte-americana até 1941 (Coggiola, 1995, p.32 in).¹⁴

Impedir a expansão da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS) era na visão dos anti-Komintern como Inglaterra, Alemanha, Estados Unidos e outros enfraquecer o movimento comunista. O DN alimentava uma propaganda anticomunista em suas páginas, devido ao medo do possível crescimento do comunismo nos países europeus e nos partidos e comitês regionais comunistas espalhados pelo mundo. O Comitê Regional (CR) baiano ocupou papel importante dentro do processo político de organização e articulação do PCB no Brasil¹⁵, todavia, isso não fora problematizado pelo Peixoto Junior, pelo fato de estar focado em outros aspectos. Não podemos reduzir apenas a uma questão política todos esses acontecimentos, o econômico estava também por detrás das ações. A busca pela hegemonia econômica do mundo era uma preocupação constante de países em expansão imperialista.

Ao contrário dos anos anteriores, houve em 1942 intensa movimentação dos intelectuais, meios de comunicação e demais setores da sociedade em prol da destruição do nazifascismo considerado *inimigo comum* de toda nação que prezasse pela liberdade e a democracia¹⁶. O que de fato excitou o povo ao combate? Aconteceram intensas movimentações intelectuais e populacionais em 1942, e é por motivação destes movimentos que o Brasil declara guerra ao Eixo, em 22 de agosto de 1942. Essas movimentações de massas não acontecem do acaso, os alemães afundaram navios brasileiros em costa da Bahia e Sergipe, causando

¹⁴Ibidem, p.102.

¹⁵ Para melhor entendimento do processo, ver SENA JUNIOR, Carlos Zacarias Figueirôa de. Os impasses da estratégia: os comunistas e os dilemas da União Nacional na revolução (im)possível – 1936-1948. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal de Pernambuco. Recife, 2007. Ressaltamos que a tese fora publicada em forma livro pela editora Annablume.

¹⁶ Segundo João Falcão, líder comunista que viveu o período, foi na Bahia "*que partiu o primeiro grito de revolta contra o nazismo*". FALCÃO, apud, SAMPAIO, op. cit., p.136. Como bem aborda a autora a raiva dos comunistas (se organizavam clandestinamente) baianos fora tão intensa que fez com que estes depredassem bens de alemães na Bahia: "No dia 12 de março, os comunistas, que se haviam reorganizado na clandestinidade, levaram "*o povo às ruas, para demonstrar sua total repulsa aos agressores*". A indignação, ante a passividade do governo, levou populares a depredarem a loja de charutos Dannemann & Cia., de descendentes de alemães. Foi grande a repercussão dessa manifestação no país". Ibidem, p.136.

aproximadamente 600 vítimas entre mortos e feridos¹⁷, e assim, “nesses dias de agosto de 1942 começaram a se formar na cidade do Salvador organizações que tiveram forte atuação na campanha pela participação do Brasil na guerra [...]”¹⁸.

Em Salvador, estudantes da Escola de Medicina, da Escola Politécnica, da Faculdade de Direito e do Ginásio da Bahia, juntamente com médicos, jornalistas, advogados e outros segmentos sociais foram às ruas exigir que o governo brasileiro declarasse guerra aos países do Eixo. Tavares afirma que a prisão de um estudante de medicina motivou a organização de uma passeata de protesto que saiu do Terreiro de Jesus e foi aumentando de tamanho à proporção que atingiu a Praça da Sé, Avenida Sete e São Pedro. Embora os manifestantes tenham sido detidos na Praça da Piedade, alguns deles conseguiram chegar ao Palácio da Aclamação. Na sacada, estavam Landulfo Alves, o Coronel Pinto Aleixo, comandante da VI Região Militar, o Prefeito de Salvador, secretários de estados e outras autoridades.¹⁹

Silva, afirma-nos que esses acontecimentos de 42, excitaram a população a se revoltarem contra os alemães, italianos e japoneses presentes no território baiano, nos movimentos antifascistas muito se incentivou a prática xenofóbica – o preconceito a todos os descendentes dos países eixistas, especialmente a Alemanha. Foram várias as ações e tentativas de fazerem os descendentes eixistas pagarem pelos estragos feitos pelos alemães aos navios da Bahia, não se resumindo apenas a nível material e financeiro, fora igualmente humano com muitas vidas ceifadas. “O decreto sobre ‘Indenização por Atos de Agressão’ foi uma das primeiras medidas tomadas contra os ‘eixistas’ (Alemanha, Japão, Itália e as forças colaboracionistas – grifo meu). Publicada no dia 11 de março de 1942[...]” (SILVA, 2007, p.162). Nos anos que seguem os alemães não apenas tiveram prejuízos materiais como as depredações das fábricas de charutos Danneman do Recôncavo, Salvador e demais filiais, mas também de estigma, porque foram remanejados para várias cidades dos interiores previamente selecionadas²⁰ como se fossem doenças perniciosas.

No campo da intelectualidade, existem poucos estudos aprofundados sobre a participação desses sujeitos, como eles polemizaram e dinamizaram, e o que eles escreveram para “combater” e “resistir” ao nazifascismo²¹. Muito se fala da

¹⁷ TAVARES, op. cit., p.431-32.

¹⁸ Ibidem, p.432.

¹⁹ SILVA, op. cit., p.161.

²⁰ “A medida foi justificada em função da necessidade de: “garantir a segurança nacional contra atividades perigosas de pessoas físicas ou jurídicas estabelecidas no Brasil [...] e reforçar o fundo de indenização dos prejuízos causados ao Brasil pelo torpedeamento de navios brasileiros”, mediante confisco de bens pertencentes aos súditos alemães e italianos”. Ibidem, p.162.

²¹ SANTANA, op. cit., p.6.

participação destes, principalmente dos intelectuais ligados ao PCB na Bahia e no Brasil como demonstra Sena Júnior. Nos estudos futuros seria necessário investir sobre os personagens, e todos os interesses que estavam por detrás da movimentação e organização para a guerra. Exemplo disso, temos o caso de Jorge Amado, que ao voltar do exílio em setembro de 1942, se junta ao jornalista e amigo Wilson Lins no jornal *“O Imparcial”* na luta contra o Eixo na Bahia e no Brasil na coluna intitulada *“Hora da Guerra”* que alimentou até 1945²².

Tivemos outros nomes importantes de comunistas baianos, como Jacob Gorender e outros, que juntos ao PCB, uniram-se em prol da luta anti-nazifascista no Brasil, América, África²³ e Europa²⁴. Muitos eram os meios de resistência que levavam a mensagem de liberdade e democracia para todos os povos. No caso baiano, tivemos a forte contribuição da revista *Seiva*, fundada em 1938 pelo jornalista e comunista baiano João Costa Falcão, e que se tornou a principal porta voz do PCB no país e mais especificamente na sociedade baiana²⁵.

“[...]em janeiro de 1943, pelas páginas da *Seiva*, a União dos Estudantes da Bahia (UEB), entidade presidida pelo comunista Fernando Sant’Anna, publicava um manifesto intitulado “A juventude brasileira assume o compromisso público de lutar, na África, ou na Europa, ao lado das Nações Unidas”, onde se conclamava a juventude a ingressar nas Forças Armadas e cerrar fileiras com o governo em prol da Segunda Frente[...]”.²⁶

Apesar da disposição dos movimentos incentivados e liderados em quase sua totalidade pelos comunistas, o sistema repressivo do Estado Novo não perdoou a revista *Seiva*, quando “em entrevista exclusiva à revista *Seiva* – registrada no Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP)-, o general Manuel Rabelo fez declarações que contrariaram os setores mais repressivos do Estado Novo. A revista foi proibida de circular e os seus exemplares recolhidos”²⁷. Jacob Gorender, Wilson e João Falcão foram presos, o primeiro por editar a entrevista, e os dois últimos por serem seus redatores²⁸. Ainda era possível encontrarmos resquícios do passado acesos

²² SAMPAIO, op. cit., p.138.

²³ Sobre uma breve discussão sobre a participação dos africanos na Segunda Guerra Mundial ver SANTANA, Geferson. Às margens do esquecimento: retratação dos africanos nos livros didáticos de História. *Historien*, v.4, p.243 - 255, 2013.

²⁴ SENA JUNIOR, op. cit., p.107-283.

²⁵ *Ibidem*, p.94.

²⁶ *Ibidem*, p.184.

²⁷ TAVARES, op. cit., p.435.

²⁸ *Idem*.

na memória de Vargas e demais grupos anticomunistas do país. A ferida rasgada pela “Intentona Comunista” de 1935 ainda estava sangrando.

Os três anos finais da década de 40 são marcados por discursos de intensas movimentações de rua, não apenas na capital, como nas pequenas cidades do interior, como Cachoeira, São Félix, Santo Amaro, Feira de Santana. Diversos destes intelectuais se movimentaram, realizando discursos nas passeatas, nos almoços, respiravam a guerra, e tinham ódio mortal – era o caso de Jorge Amado – pelos nazifascistas. Conforme Sampaio, dos vários movimentos surgidos para lutar física e ideologicamente contra o nazismo e o fascismo, alguns estiveram presentes no interior:

Em Vitória da Conquista, por exemplo, fizeram um *'imponente comício'*, marcado por *'intensa vibração popular'*. À noite, no cine local, organizaram uma *'hora de arte'*, na qual fez-se o elogio à democracia e condenou-se o nazi-fascismo. Mobilização semelhante teve lugar nas cidades de Itabuna e Ilhéus, liderada pela 'Embaixada Landulfo Alves'. Em Feira de Santana, a segunda mais importante cidade do Estado, também foi realizado amplo comício, para a instalação da União de Feira de Santana pela Defesa Nacional e da Comissão Estudantil pela Defesa Nacional e Pró-Aliados.²⁹

Justiça seja feita, convenhamos que a resistência não se limitou apenas às ruas, vários artigos, crônicas, poesias, manifestos, discursos, foram publicados pelos jornais *O Imparcial*, *A Tarde* e revista *Seiva*. A Bahia fora o centro das grandes mobilizações e do processo de reconstrução do PCB no território nacional.

[...] ano de 1943. Na ocasião, discutiu-se, também, a campanha “pela abertura da uma Segunda Frente e pelo envio de uma Força Expedicionária Brasileira”, assim como a questão da “anistia dos presos políticos”. Segundo João Falcão, quanto aos dois itens da pauta política da reunião, “nós entendíamos que o povo brasileiro já havia tomado essa decisão nas praças públicas.”³⁰

Nos anos finais da guerra, no território baiano lutava-se pelo envio de soldados da Força Expedicionária Brasileira (FEB) para lutarem contra os países eixistas, e de fato isso aconteceu em meados de 1944. A luta pela anistia dos presos políticos, apresentava-se nos discursos dos militantes comunistas como uma decisão do povo. Estes foram os dois pontos principais defendidos pelos políticos comunistas, não-comunistas e sociedade civil nos anos de 44 e 45, tendo o apoio de Carlos Prestes que

²⁹ SAMPAIO, op. cit., p.140.

³⁰ SENA JUNIOR, op. cit., p.188.

estava mediando as discussões e as movimentações ainda quando preso na “Casa de Correção” do Rio de Janeiro³¹ - ele é solto apenas em 18 de abril de 1945, antes de Vargas publicar a lei da anistia no Diário Oficial da União³².

Em 24 de março de 1945, no Distrito Federal, um comício foi realizado com a intenção de exaltar as vitórias da FEB e, “acabou transformando-se num grande ato pela anistia e pela libertação de Prestes”³³. A guerra não era naquele momento um fator preocupante, pois as forças nazifascistas estavam em profunda decadência, e com isso, as forças populares por intermédio dos militantes comunistas e facções políticas aliadas estavam voltadas para outros fatores políticos, como a luta contra a repressão do governo estadonovista e a luta pela “democracia” que aos poucos iam sendo conquistadas. Ainda segundo o autor “[...] se ‘anistia’ era mesmo a palavra de ordem do comício, os presentes puderam confirmar, já que todos os oradores abordaram o tema. Ao final do ato, a multidão entoou o bordão: ‘Nós queremos anistia e liberdade para Prestes’, segundo a imprensa, ‘por dez minutos’”³⁴. E assim, iniciava-se, portanto, um novo momento para a vida política, cultural e social do país.

As conquistas obtidas pelas movimentações políticas de rua, nos jornais, e das demais formas de lutas legais, iam aos poucos se consolidando como o fato ocorrido no “dia 6 de junho de 1944, onde – gripo meu - tropas aliadas invadiram a França pela Normandia, abrindo, enfim, a Segunda Frente”³⁵. Muitas outras viriam com a ida dos brasileiros às trincheiras, demonstrando o amor e a crença que tinha na democracia e na liberdade da Humanidade. Muitos intelectuais comunistas se fizeram presente na Força Expedicionária Brasileira (FEB), notadamente Jacob Gorender e Ariston Andrade. Na concepção de Sampaio e Sena Junior, todas as reivindicações até então vigente, anistia, Segunda Frente, FEB, foram alcançadas pela força popular liderada majoritariamente pelos militantes comunistas.

À guisa de conclusão³⁶

³¹ Ibidem, p.202 e ss.

³² Ibidem, p.256.

³³ Ibidem, p.252.

³⁴ Ibidem, p.253.

³⁵ Ibidem, p.231.

³⁶ Parte desta conclusão foi inspirada no texto *Barulhos de guerra: produção historiográfica baiana sobre a segunda guerra mundial (1939-45)* publicado em 2013.

Os estudos sobre a Segunda Guerra Mundial e sua repercussão na Bahia têm crescido nos programas de pós-graduação, mas, ainda são muito poucos, se comparados às outras temáticas. A guerra é um tema inesgotável de objetos, e suas buscas precisam ser incentivadas no país. Existem especificidades regionais que precisam ser entendidas, descentralizando uma historiografia *paulistocêntrica* que tende a pensar a guerra no Brasil a partir da participação de São Paulo, o que é no mínimo um grande equívoco.

As abordagens trazidas para esta nossa discussão são profundamente importantes e contribuíram significativamente para pensarmos sobre a repercussão da guerra na Bahia, e tomarmos consciência de que nosso Estado não estava fora do território brasileiro, nem tão pouco fora apático aos acontecimentos nacionais e internacionais. Fora daqui, que ecoaram como diria o militante comunista Falcão, os primeiros gritos de liberdade e democracia e luta contra os fascistas (inclui-se os nazistas). A sociedade baiana viveu intensamente os esforços de guerra.

Para que acontecessem as movimentações em prol da causa anti-nazifascista ocorreram diversas contribuições dos meios de comunicação, intelectuais engajados, partidários do PCB e demais facções ou partidos políticos colaboradores. Houve por parte do DN, *O Imparcial* e outros, no ano de 1939 e meados de 1941, a intenção de vender um discurso positivo sobre a imagem de Hitler, Mussolini, Salazar, Franco, e muitos outros ditadores adeptos do fascismo, e obviamente a América não estava isenta de suas paixões pelo fascismo. O modelo de Estado da década de 30 pensado para o Brasil e a Argentina era fascista³⁷.

³⁷ Durante o governo Vargas, não soa estranho o fato da aproximação do Brasil com a Alemanha, tendo como parâmetro a influência do fascismo nas "bases de governo" do governo brasileiro e argentino. Foram sistemas de governos ditatoriais, pensados no modelo de Estado fascista, onde o chefe de estado tornou a "Santíssima trindade", dominando todos os campos das instâncias burocráticas (Executivo, Legislativo e Judiciário). CAPELATO, op. cit., p.109. As relações de influência do Brasil com os países nazifascistas não se deram apenas no tocante à diplomacia e ao comércio, mas, igualmente, no campo ideológico, como a aplicação de práticas totalitárias nazifascistas adaptadas à realidade brasileira CAPELATO, Maria Helena Capelato. Propaganda política e controle dos meios de comunicação. In: REPENSANDO o Estado Novo. Organizadora: Dulce Pandolfi. Rio de Janeiro: Ed. Fundação Getúlio Vargas, 1999, p. 167-78.